Dr. Jim Spiegel, Filosofia da Religião, Sessão 3, Argumentos Teístas, Parte 2, O Argumento Teleológico

© 2024 Jim Spiegel e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. James Spiegel em seu ensinamento sobre a filosofia da religião. Esta é a sessão 3, Argumentos Teístas, Parte 2, o Argumento Teleológico.

Certo, já falamos sobre o argumento cosmológico para a existência de Deus.

Vamos voltar nossa atenção agora para dois outros argumentos teístas: o argumento teleológico, ou o argumento do design, e o argumento da mente ou consciência. Então, começaremos com o argumento teleológico, ou o argumento do design, que raciocina a partir do design aparente no mundo para a existência de um designer sobrenatural. O argumento teleológico é assim chamado porque a palavra raiz ali, telos, significa propósito, meta ou fim.

A ideia é que há evidentes na natureza todos os tipos de entidades e estruturas animadas e inanimadas, que sugerem que o mundo foi proposto e intencionalmente arranjado para cumprir certos fins ou objetivos. Então, argumentos para a existência de Deus, que focam nesses fatos sobre o mundo, são chamados de argumentos teleológicos. Agora, há diferentes tipos de design.

Quando falamos sobre design, podemos estar nos referindo a uma variedade de coisas diferentes. Podemos falar sobre design como ordem, como propósito, como complexidade, como unidade dentro da complexidade, beleza e informação. Então, só para dar um exemplo de design na forma de ordem, lembro-me de ter feito um exame de vista algumas décadas atrás e falado sobre a teleologia do olho humano com esse optometrista.

Ele me disse que na lente do olho humano, há sete camadas de tecido que precisam estar a apenas alguns microns de distância para que nossa visão não fique embaçada. Se for suave, é o mínimo, então não teremos uma visão clara. Então, em termos da ordenação dessas diferentes camadas de tecido na lente do olho humano, elas precisam estar exatamente assim para serem funcionais.

Então isso se qualificaria, muitos argumentariam, como design na forma de ordem. Há também a ordem temporal. Podemos falar sobre diferentes ciclos, ritmos biológicos ou ciclos, como o corpo humano, ciclos menstruais, ciclos de sono e outras formas de ciclos temporais que são cruciais para ter uma vida saudável e funcional.

E em termos de design como propósito, mesmo aqueles que não são teístas falarão sobre o propósito, digamos, do pâncreas ou o propósito dos pulmões de oxigenar o sangue, o propósito do coração de bombear sangue. Todos os diferentes órgãos em nossos corpos servem a vários propósitos, e podemos vê-los como uma forma de design. E assim vai, diferentes tipos de design.

William Paley foi um teólogo natural do final do século XVIII que tornou famosa sua analogia do relógio. Basicamente, seu argumento era que reconhecemos um certo design em artefatos humanos como relógios. Reconhecemos que essas coisas, mesmo que não as tenhamos visto serem criadas ou construídas por engenheiros humanos, sabemos que elas devem ter sido feitas por alguém porque são tão bem projetadas.

Então, Paley acredita que o mundo é análogo a, digamos, um relógio ou um dispositivo feito pelo homem, apenas radicalmente mais complexo e funcional do que qualquer relógio ou relógio. Então, seu argumento básico é que um artefato humano, como um relógio, tem ordem, complexidade e unidade. Há uma cooperação mútua das partes da coisa.

Ele trabalha em direção a um fim, neste caso, o fim de manter o tempo para nós. Ele é criado por um designer inteligente, enquanto o mundo é a segunda premissa. O mundo em que vivemos exibe ordem, complexidade, unidade e cooperação mútua de partes e trabalha em direção a um fim. Portanto, o mundo provavelmente tem designers inteligentes.

Esse é o argumento básico que tem sido duramente criticado desde Paley, inclusive pelo renomado David Hume, um filósofo escocês que era um cético que criticou esse argumento antes mesmo de Paley publicá-lo em uma obra que ele escreveu por volta de 1801. Hume estava morto há um quarto de século, e ele já havia criticado o argumento muito bem. É um argumento popular, mas tem uma falha bem profunda, a saber, o fato de que, como Hume aponta, pode haver outras explicações naturais para o design aparente que testemunhamos no mundo.

Ele observa que há uma diferença importante entre um relógio e o mundo, a saber, que vimos pessoas fazerem relógios. Vimos engenheiros construir, projetarem e construir dispositivos de cronometragem, mas ninguém nunca viu um deus fazer um universo, certo? Eu sei que não, ou pelo menos perdi aquele episódio de Nova. Então, essa é uma falha importante quando se trata dessa versão do argumento teleológico.

Nos últimos anos, porém, com o avanço da compreensão científica sobre as leis da natureza, uma nova forma de argumento de design surgiu, chamada de argumento do ajuste fino. E a ideia aqui é que o universo parece estar finamente ajustado para a possibilidade de vida. Aqui, estamos nos concentrando no design inanimado.

Também podemos falar sobre design em criaturas vivas e ajuste fino quando se trata de, digamos, bioquímica ou genética. Mas no contexto do foco desta versão do argumento do ajuste fino sobre o qual falaremos tem a ver com design inanimado, apenas no universo físico, você tem todas essas leis da natureza que convergem para a possibilidade da vida. E Robin Collins é um dos defensores mais proeminentes deste argumento do ajuste fino.

Então, falaremos sobre sua versão do argumento. E ele começa com algumas suposições básicas. Uma delas é apenas a observação de que qualquer cosmólogo, qualquer físico, dirá a você que o universo é ajustado no sentido de que exibe um equilíbrio preciso de parâmetros físicos que são necessários para a vida.

Para haver vida em qualquer universo, você tem que ter certa estabilidade e complexidade naquele universo para que a vida seja possível. Então, é isso que observamos quando se trata de leis como a lei do inverso do quadrado da gravidade: objetos são atraídos por outros objetos proporcionalmente à sua massa e inversamente proporcional ao quadrado da distância entre eles. É absolutamente crucial que essa lei esteja em vigor, assim como a constante de Avogadro, as forças nucleares forte e fraca, e dezenas de outras que chamamos de leis naturais, para que a vida seja possível.

E finalmente sintonizado ao ponto onde, você sabe, o menor desvio tornaria a vida impossível. A taxa de expansão do Big Bang seria outra. No Big Bang, o universo teve que ter se expandido exatamente na taxa em que se expandiu, porque se fosse mais lento em sua expansão, ele teria colapsado de volta sobre si mesmo, e você realmente não teria universo.

Se tivesse se expandido mesmo que um grau mínimo mais rápido do que se expandiu, então teria sido; a matéria teria sido muito difusa, e estrelas que sustentam a vida não teriam sido capazes de se formar. Então, a taxa de expansão do Big Bang, sendo exatamente o que é, tem sido essencial para a possibilidade da vida também. Tenha em mente que isso é apenas para ter um universo que permitiria a vida.

Isso não tem nada a ver com a criação ou desenvolvimento real da vida em um universo que tem esses parâmetros físicos. É só que estamos falando de um universo que permite a vida. A outra suposição fundamental que Collins observa é o princípio da confirmação.

Ao considerar duas hipóteses concorrentes, uma observação conta como evidência a favor da hipótese sob a qual a observação é mais provável ou menos improvável. Então, temos basicamente duas hipóteses competindo aqui. Uma é o teísmo, de que há um projetista inteligente do universo.

A outra é a visão ateísta; não há um designer inteligente, e não há Deus. Qual dessas hipóteses é melhor confirmada pelo que observamos em termos do ajuste fino do universo? Então, o argumento central, de acordo com a versão de Collins, é este: que o ajuste fino do universo não é improvável dado o teísmo. Essa é uma afirmação muito modesta, não é? Ele não está dizendo que é provável.

Eu, como teísta, pessoalmente sustento que, dada a natureza e a existência de Deus, esperaríamos um universo finamente ajustado. Você não precisa ir tão longe. Você só precisa reconhecer para esse argumento que o ajuste fino do universo não é improvável. Não é improvável.

Em segundo lugar, o ajuste fino do universo é muito improvável, e isso é um eufemismo sob a hipótese ateísta do universo único. As probabilidades são tão remotas a ponto de serem infinitesimalmente pequenas de que o ajuste fino do universo como o observamos poderia ter acontecido por si só, a ponto de desaparecer probabilidades. A conclusão é que os dados do ajuste fino fornecem fortes evidências em favor do teísmo.

Aqui, não precisamos dizer que isso prova a existência de Deus. O que conta é a prova. Poderíamos debater isso.

Não precisamos ir lá, desde que possamos concluir que isso fornece evidências muito fortes. Você tem um argumento potencialmente forte para a existência de Deus aqui. Então esse é o argumento, e Collins considera uma série de objeções a esse argumento.

Uma é que talvez haja uma lei mais fundamental, uma lei básica da natureza, que ditou ou garantiu, por assim dizer, que todas as leis particulares da natureza com as quais estamos familiarizados seriam exatamente o que são, que essas regulamentações seriam exatamente o que são. Então, não precisamos apelar a nenhum tipo de designer inteligente. Podemos simplesmente apelar a uma lei mais fundamental da natureza, é a ideia.

Aqui, a resposta de Collins é que é apenas pura especulação. Não temos nenhuma razão independente para acreditar em uma lei tão fundamental que ditou que essas outras leis teriam os parâmetros que têm. Então, é o que se chama de argumento ad hoc.

Você precisa de evidências independentes que sustentem uma proposta específica que refute uma crença que você quer desafiar. Mas qual é a evidência independente para uma lei mais fundamental aqui? Não há nenhuma. De qualquer forma, esse apelo a uma lei mais fundamental realmente só move o problema um passo para trás.

Porque se há uma lei mais fundamental da natureza que garante que todas essas outras leis particulares seriam definidas exatamente como são, exatamente certas para a possibilidade da vida, podemos então perguntar, bem, o que explica isso? Que tivemos essa sorte de haver essa lei fundamental da natureza. Isso certamente nos levaria a perguntar, hmm, isso não sugere em si um tipo de design inteligente de que haveria essa lei fundamental que garantiria um universo bem ajustado? Outra objeção sugere que, pelo que sabemos, outras formas de vida poderiam existir sob diferentes parâmetros físicos. Tudo o que sabemos é a vida neste universo onde temos essas leis da natureza que são definidas do jeito que são.

Talvez em um universo muito diferente, poderia haver outras formas de vida que não podemos conceber porque vivemos neste universo. A resposta de Collins a isso é que qualquer sistema vivo, até onde podemos concebê-lo, teria que ter uma certa quantidade de complexidade e estabilidade. Uma compreensão básica da vida de uma perspectiva biológica envolve pelo menos algum grau de metabolismo.

Isso requer imensa complexidade, assim como estabilidade e unidade. Nossa compreensão da vida e todo o nosso conceito dela ditariam isso. Só podemos ir com base no que sabemos aqui.

Tudo o que sabemos cientificamente sobre a vida é que ela envolve uma complexidade tão organizada. Mesmo que existam outras formas de sistemas de metabolismo que nunca experimentamos e que poderiam estar lá fora, sabemos que eles teriam que ser muito organizados e complexos, mas também unificados e estáveis. Você precisa que as leis da natureza sejam definidas basicamente onde elas estão para que isso seja possível.

Uma terceira objeção é a hipótese dos muitos universos. E se o nosso universo não for o único universo, mas um dos inúmeros universos que foram produzidos de alguma forma que não sabemos como, talvez por algum mecanismo metafísico profundo de produção de universos que está arrotando universos aos trilhões e quatrilhões? Se você tiver universos suficientes, é como os proverbiais chimpanzés na sala das máquinas de escrever por séculos e eras de tempo; eventualmente, um deles vai produzir uma peça de Shakespeare.

Se de alguma forma pudermos obter universos inumeráveis, então isso compensa as probabilidades contra ter um tipo de convergência aleatória de todas essas leis que são exatamente certas para a possibilidade de vida. Então esse é o apelo para a hipótese dos muitos universos ou universos múltiplos. O que dizemos sobre isso? A resposta de Collins é que outras coisas são iguais, e devemos sempre ir com a hipótese para a qual temos evidências independentes.

Novamente, temos alguma evidência independente para um gerador de universos ou a existência de uma miríade de outros universos alternativos? Certamente temos muitos filmes de Hollywood e programas de TV que operam na premissa de universos paralelos ou múltiplos universos. Achamos isso intrigante de um ponto de vista estético, assim como filmes e livros de viagem no tempo. É tudo muito divertido.

Ou invisibilidade. Semana passada li o livro de HG Wells, *The Invisible Man*. Eu nunca tinha lido isso antes.

Ótimo livro. Ele está cheio de todos os tipos de lições sobre tecnologia e perigos ou riscos não previstos, assim como perigos que podem estar envolvidos neste caso com invisibilidade. Então, podemos falar sobre essas coisas em um cenário fictício.

Invisibilidade e viagem no tempo em universos múltiplos. Mas isso não implica que haja qualquer evidência independente para isso. E não há nenhuma evidência independente, certamente nenhuma evidência científica, para universos múltiplos.

Agora, pode ser possível; podemos conceber e imaginar, mas isso não significa que haja qualquer evidência independente para isso. Quando falamos sobre evidências neste caso para o design, para a existência de Deus, para chegar a algum tipo de refutação para minar a evidência aparente para o design por causa do ajuste fino, precisa ser baseado em algo empírico, em alguns fundamentos independentes, e é isso que não temos aqui. Então, novamente, é uma hipótese ad hoc.

E só para definir isso, uma hipótese ad hoc é uma proposta ou uma teoria que é concebida apenas para proteger uma teoria particular de uma objeção e que não é testável independentemente. Isso certamente se aplica à tese do universo múltiplo. Como você poderia testar isso quando se refere a algo que transcende nosso universo, o que, em uma compreensão natural da ciência, parece desafiar a ciência ou a teorização científica?

Uma concepção padrão da ciência é que ela é uma exploração, um estudo do universo físico, nosso universo. Uma vez que você começa a propor coisas que vão além deste universo, você está entrando no que parece ser o sobrenatural. Então você pode argumentar que essa teoria do universo múltiplo é um tipo de abordagem sobrenaturalista em si mesma, o que seria irônico porque, neste contexto, ela visa tentar minar ou refutar a crença em um Deus sobrenatural.

Collins também observa que a hipótese do universo múltiplo apenas move o problema do design para um nível acima. Porque se há um gerador de universos, se há algum tipo de sistema produzindo todos esses trilhões e quatrilhões de universos, isso naturalmente levanta a questão, bem, quem criou isso? Como isso foi arranjado? Esse é um sistema bem impressionante que produz um único universo e uma miríade

de universos. E esse é exatamente o tipo de coisa que sugeriria algum tipo de poder sobrenatural que é inimaginavelmente grande, brilhante e sábio, assim como poderoso.

Então esse é o argumento do design na forma de ajuste fino. Tudo bem, então vamos passar daqui para o próximo argumento teísta, que é o argumento da mente. Esta é uma prova teísta ou argumento teísta, que raciocina a partir do fato da consciência, particularmente a consciência humana, para a existência de uma causa suficiente para isso, Deus.

Também é conhecido como argumento da racionalidade, às vezes argumento antropológico. Então, para explicar isso, vamos começar falando sobre duas visões concorrentes da natureza humana. Historicamente, cristãos e outros teístas têm sustentado que os seres humanos são basicamente um corpo e uma alma, ou espírito ou mente.

Eu sou um espírito, alma, mente. Mas esse tipo de dualismo é verdadeiro sobre a natureza humana. Somos corpo e alma.

Então, há algo espiritual sobre nós. Por outro lado, você tem o fisicalismo. O fisicalista, materialista ou naturalista sustenta que tudo no mundo, incluindo humanos, pode ser descrito inteiramente em termos de física.

Só existe matéria ou energia. Estados físicos causam outros estados físicos. E isso se aplica aos seres humanos, assim como a tudo o mais na natureza.

Então, você e eu somos apenas uma massa de material. Várias configurações químicas e estados de energia. É isso.

Não há nada mais em nós do que nosso corpo material. Isso é fisicalismo. Então você tem dualismo, dualismo mente-corpo e fisicalismo.

Agora, há uma série de argumentos padrão para o dualismo mente-corpo. Um deles é que o argumento é da percepção ou consciência. Como é que a matéria ou um ser material começa a pensar ou a ter consciência? O fato de que os seres humanos e outros organismos têm a consciência de que percebem e que podemos pensar é algo que precisa de uma explicação.

E que muitos argumentam desafia, em última análise, uma explicação material. Há o argumento da subjetividade, que está intimamente relacionado. E isto é, ele se refere ao caráter subjetivo, à qualidade de primeira pessoa da experiência.

Que há algo que é como ser eu. Há algo que é como ser você. Você tem uma perspectiva de primeira pessoa que não pode ser capturada em descrições de terceira pessoa.

Muitos anos atrás, cerca de 50 anos atrás, um filósofo naturalista chamado Thomas Nagel escreveu um artigo chamado, Como é ser um morcego? O ponto dele no artigo é que os morcegos têm o que é chamado de ecolocalização, é um tipo de habilidade perceptiva, capacidade sensorial que você e eu não temos, mas que os morcegos têm, e que, digamos, golfinhos, botos e baleias têm. E é um tipo de percepção que as baleias têm, emitindo basicamente pulsos de som que então ricocheteiam em quaisquer objetos que estejam em seu ambiente, e isso cria, eu acho, algum tipo de mapa mental interno para elas. E podemos falar sobre isso em termos de terceira pessoa.

Cientistas fizeram muitas análises sobre ecolocalização. Mas não importa o quanto nos tornemos conhecedores da capacidade sensorial da ecolocalização, ainda não sabemos como é ser um morcego ou um golfinho que tem essa capacidade. Você teria que se tornar uma criatura assim para entender isso.

O ponto de Nagel em trazer isso à tona é que a consciência tem esse tipo de subjetividade irreduzível, essa qualidade irreduzível de primeira pessoa. E é um problema para os fisicalistas explicar isso porque, novamente, de um ponto de vista científico, tudo o que podemos fazer é fornecer descrições de terceira pessoa do mundo, descrições de terceira pessoa de nossos corpos e cérebros, e isso necessariamente vai perder esse caráter de primeira pessoa da experiência consciente. Então, limitações severas com o fisicalismo, muitos argumentariam, apontam para algo sobre nós que transcende o físico.

Então há um argumento da intencionalidade, que foca no fato de que estados mentais têm uma certa importância para eles. Nossos pensamentos, em muitos casos, transcendem. Então, posso pensar no presidente dos Estados Unidos, Joe Biden.

Quando penso em Joe Biden, meus pensamentos, por assim dizer, me transcendem e se referem a essa pessoa que está, presumo, em algum lugar em Washington, DC, agora mesmo. Como é isso? Como você explica tal intencionalidade que é transcendente à nossa própria massa cinzenta? Isso também aponta para algo que transcende o físico. Então, há argumentos de experiências de quase morte, que é um tópico sobre o qual poderíamos falar longamente por si só, as EQMs, como são chamadas, são pessoas que morrem temporariamente, e seu coração para de bater.

Eles podem até ter um EEG plano ou um eletroencefalograma. Não há atividade cerebral discernível. Então, depois de vários minutos, eles são revividos e voltam relatando todos os tipos de experiências ricas, em muitos casos, relatando coisas que

viram ou ouviram em outro lugar enquanto sua alma viajava, digamos, além do hospital ou de sua casa.

É corroborado pela investigação posterior de relatos fascinantes, muitos dos quais geraram livros e filmes. Tornou-se um fenômeno cultural, mas é útil para nosso pensamento sobre a filosofia da mente porque se qualquer uma dessas experiências for autêntica e real, e for possível para as pessoas transcenderem seus próprios corpos dessa forma, isso apontaria para algum tipo de dualismo mente-corpo. Então, as EQMs parecem confirmar um tipo de visão dualística da natureza humana.

Então, todos esses argumentos apoiam o dualismo mente-corpo. A razão pela qual estamos falando sobre isso é que se os seres humanos têm um aspecto espiritual, uma alma ou um espírito sobrenatural que não pode ser explicado apenas em termos físicos ou materiais, então deve haver algum tipo de causa sobrenatural para nossas almas.

E isso, é claro, aponta para Deus ou algum tipo de criador. Então, podemos resumir o argumento da mente dessa forma. Os seres humanos têm mentes; como falamos, exibimos características mentais como consciência, percepção, subjetividade e intencionalidade, e nossas características mentais não podem ser explicadas em termos puramente físicos.

Assim vai o argumento. Portanto, nossas mentes devem ter uma causa sobrenatural. Deve haver algo não físico que deu origem às nossas mentes.

E essa causa deve ser ela mesma uma mente ou ter capacidades mentais que possam explicar nossas próprias capacidades mentais. E presumivelmente, teria que ser um ser muito poderoso e inteligente que também seja tão pessoal quanto nós. Pessoal no sentido de que faz escolhas e age para fins.

Então esse é o argumento da mente. Há muito debate sobre o assunto do dualismo mente-corpo. Isso e objeções continuaram a ser levantadas contra o argumento da mente.

Uma delas é que inferir a existência de uma mente sobrenatural é desistir. Que o comportamento humano, o pensamento humano, é uma parte da nossa experiência que é cientificamente avaliada. É apropriadamente examinada por meios científicos, científicos empíricos.

Então, apelar para um ser sobrenatural como explicação para nossas mentes é basicamente desistir do projeto científico. Prejudicar prematuramente uma explicação natural para a consciência. Daniel Dennett, um grande filósofo da mente e naturalista, tem constantemente, repetidamente enfatizado isso como um argumento para a visão fisicalista.

Deveríamos nos recusar a desistir tão facilmente e optar pela crença no sobrenatural quando não demos à ciência uma chance suficiente para explicar os fenômenos dos quais estamos falando aqui. Acho que uma boa resposta a isso é apontar que fazer uma inferência evidencialmente justificada não é desistir. Na verdade, é sucesso racional.

Dado o que sabemos sobre intencionalidade e subjetividade e consciência básica e EQMs, isso é evidência positiva de algo sobrenatural acontecendo no reino da consciência. Então, não é apenas desistir. É raciocinar com base em fatos positivos que, ok, em alguns casos são mais filosóficos do que científicos, mas em alguns casos, eles são científicos também.

Em segundo lugar, alguns objetos que inferem a existência de uma mente sobrenatural não são científicos, e é por isso que não deveríamos fazer essa inferência. Você necessariamente vai fazer filosofia; alguns diriam teologia.

Não acho que você necessariamente tenha que se tornar teológico aqui em seu raciocínio, mas certamente, talvez o raciocínio seja primariamente filosófico e não primariamente científico. Isso é um problema para o dualista e para o teísta? Bem, insistir que a solução deve ser científica no sentido de fornecer uma explicação natural para a consciência humana realmente levanta a questão. Essa parece ser toda a questão em questão.

A consciência humana pode ser explicada em termos científicos e, portanto, físicos? O argumento aqui é que, bem, não. Há, deve haver algo sobrenatural acontecendo para explicar a consciência, e é precisamente por causa desses outros tipos de observações, novamente, algumas delas filosóficas, que concluímos que a explicação final não é apenas física; não é apenas científica. Então, insistir que uma explicação sobre qualquer fenômeno tem que ser científica realmente levanta a questão de favorecer o fisicalismo quando essa é a própria questão em questão.

Existem causas sobrenaturais de eventos e fenômenos no mundo? E então, finalmente, há a objeção que apela à navalha de Occam ou princípio da parcimônia, que outras coisas sendo iguais, a mais simples de, digamos, duas explicações concorrentes precisa ser preferida. Então seria uma explicação mais simples, não seria, se pudéssemos explicar a consciência humana apenas em termos de matéria, em termos de física, e não ter que apelar para o sobrenatural. Mas a navalha de Occam diz que não se deve multiplicar entidades sem uma razão boa e suficiente ou outras coisas sendo iguais. Devemos ir com a explicação mais simples.

Então isso realmente levanta a questão, as outras coisas são iguais aqui? E não são porque temos tantos fenômenos, tantos fatos sobre a consciência que não podem ser explicados em termos fisicalistas. Isso é um grande desigualador, e é

precisamente por essa razão que concluímos, ou o teísta conclui, que deve haver um reino sobrenatural e causas sobrenaturais para explicar a consciência humana. Então, há uma série de objeções e respostas ao meu argumento.

Este é o Dr. James Spiegel em seu ensinamento sobre a filosofia da religião. Esta é a sessão 3, Argumentos Teístas, Parte 2, o Argumento Teleológico.